

**O mercado editorial e as direitas contemporâneas no Brasil**

Simposio: El libro político: edición y proyectos políticos

Leonardo Nóbrega<sup>1</sup>

CEBRAP (Brasil)

IFPE (Brasil)

[leonobrega.s@gmail.com](mailto:leonobrega.s@gmail.com)

**Resumo:** O intuito da presente proposta é apresentar alguns dos resultados parciais da pesquisa de pós-doutorado em andamento. No recorte proposto para o colóquio, o objetivo é analisar a emergência da publicação de autores vinculados à nova direita no Brasil tendo como foco principal a trajetória da editora Record. A editora, fundada em 1942, passou por um processo de expansão nos anos 1990 com a aquisição de editoras historicamente ligadas ao campo intelectual da esquerda como a Civilização Brasileira e a Paz e Terra. Em meados dos anos 2000, a Record deu uma nova guinada que ficou marcada sobretudo pela contratação, em 2012, do editor Carlos Andreazza, que passou a coordenar o catálogo de não ficção da editora, vindo a ser reconhecido como um dos maiores propulsores da nova leva de intelectuais de direita no país. A partir da análise do catálogo da editora e do cruzamento com as listas de livros mais vendidos no país entre 2010 e 2019, busca-se compreender as estratégias de inserção de intelectuais da nova direita no debate público nacional por meio da publicação de livros. O argumento defendido é o de que a emergência da nova direita como um dos polos de maior protagonismo do mercado editorial brasileiro contemporâneo consolida um processo que já vinha se desdobrando nas redes sociais e em âmbitos culturais mais restritos, mas passa a dar nova e mais ampla configuração a este universo e posiciona os seus autores no centro dos principais debates públicos nacionais.

Palavras-chave: Livro política; mercado editorial; direitas; Brasil.

---

<sup>1</sup> Biografia

## **Introdução**

O ciclo contemporâneo de protestos consolidado no Brasil com as mobilizações de junho de 2013 fez emergir uma série de atores políticos, repertórios de ação e pautas temáticas que estão em pleno processo de disputa (ALONSO, 2017, 2019), estabelecendo uma abertura societária (BRINGEL; FALERO, 2016; BRINGEL; PLEYERS, 2015) que dá suporte a novos processos de interação entre manifestantes, novas formas de posicionamento político e dinâmicas de interpretação social. A polarização e a disputa interpretativa, que passaram a ser algumas das marcas principais das discussões políticas no país desde a eclosão das mobilizações, têm como uma das faces mais visíveis as manifestações de rua, as discussões por meio das redes sociais, a veiculação de opiniões em blogs, sites, colunas de jornal, as interações presenciais entre amigos, colegas e familiares. Outra face fundamental de materialização dessas tensões, menos visível e, também por isso, menos analisada - embora de fundamental importância - é a do mercado editorial. É revelador desse movimento, a grande quantidade de livros com interpretações sobre os movimentos de junho de 2013, o impedimento de Dilma Rousseff, a eleição de Jair Bolsonaro ou outros temas da política nacional que não estabelecem diálogos entre si e apenas gravitam ao redor dos leitores já previamente imaginados.

Em pesquisa, recente, Eduarth Heinen, Márcio Ribeiro e Pablo Ortellado (2019) demonstraram, com base nos padrões de aquisição do site amazon.com.br e nas palavras-chave da descrição dos livros, que a polarização política está presente nos padrões de compra e nas interpretações sobre a sociedade brasileira. A partir da análise de um conjunto de 20 mil títulos, os autores perceberam a formação de dois grandes grupos. Pessoas que costumam consumir livros de um dos grupos dificilmente consomem livros do outro grupo, configurando, portanto, uma situação de polarização. Os livros de esquerda estão vinculados ao pensamento progressista, à teoria marxista e às pautas identitárias; já o grupo de direita trata de temas como o liberalismo e conservadorismo. Os ataques de um lado a outros abundam em diversos títulos. A pesquisa, entretanto, não distingue as editoras e suas estratégias, bem como não analisa os detalhes textuais e paratextuais das obras<sup>2</sup>. Para que se possa ter um conhecimento aprofundado sobre o assunto,

---

<sup>2</sup> Esses aspectos, claro, estão relacionados ao escopo e aos objetivos da pesquisa, que não pretendia chegar a esse nível de detalhamento, mas apenas estabelecer um panorama da polarização no padrão de compras de livros. Da mesma forma, é necessário apontar as limitações do corpus da pesquisa. Por se tratar de um conjunto de títulos e de palavras-chave disponibilizados por uma única varejista, é de se esperar o caráter limitado, enviesado e não generalizável dessa análise.

é fundamental se indagar sobre o panorama cultural e político do país buscando compreender como se configuram as editoras que dão suporte material, divulgação e distribuição aos autores de livros políticos e como estes estão imbricados aos grupos intelectuais que se engajam nos debates públicos contemporâneos. Trata-se, portanto – e este é o objetivo da pesquisa apresentada neste texto -, de indagar como se configuram as editoras que dão suporte material, divulgação e distribuição aos autores de livros políticos e como estes estão imbricados aos grupos intelectuais que se engajam nos debates públicos contemporâneos.

Os intelectuais vinculados à direita vêm ganhando espaço significativo em diversas esferas de atuação. No Brasil, a figura de Olavo de Carvalho ganha grande centralidade ao unir ao redor de si um número significativo de discípulos e divulgadores que passam a ganhar respaldo em áreas distintas de atuação. Embora Olavo de Carvalho venha de uma atuação pública que remonta pelo menos aos anos 1990, foi a partir de meados dos anos 2000 - no bojo de uma série de modificações que abriu espaço para a nova direita no país - que ele passou a ter uma influência maior no debate público, o que veio a se consolidar com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República no final de 2018 e sua identificação, por parte significativa da imprensa nacional, como o “guru” do novo governo. É, nesse sentido, possível identificar um processo significativo de mudança intelectual (COLLINS, 1989, 1998, 2004), o que se dá a partir da articulação entre diversos atores que conformam em si um movimento intelectual (CAMIC; GROSS, 2008; FRICKEL; GROSS, 2005). A configuração dos intelectuais como redes de interação relativamente centradas e com capacidade de organização possibilita compreender a sua articulação como uma subjetividade coletiva (DOMINGUES, 2004; DOMINGUES; DOMINGUES, 1995) capaz de mobilizar repertórios específicos de forma a agir politicamente (ALONSO, 2002).

Os livros podem ser entendidos como uma das formas de atuação de tais intelectuais, um elemento performático que contribui para posicionar um autor com relação a outros autores (BAERT, 2011, 2015; BAERT; MORGAN, 2017). As editoras funcionam, nesse sentido, como um dos polos fundamentais da atuação de intelectuais de direita no país, o que pressupõe disponibilidade financeira, uma série de saberes e práticas acionadas como estratégias de posicionamento mercadológico e a existência de um público leitor disposto a comprar tais obras e fazê-las ganhar reverberação de formas variadas. Neste universo, a atividade editorial ocupa espaço fundamental como instância

intermediária entre o texto escrito e o leitor, capaz de promover obras, linhas editoriais e estabelecer vínculos com o leitor, gerando ressonâncias – inclusive em blogs e redes sociais - e possibilitando novas configurações.

### **A construção da amostra de pesquisa: relatos de um processo em desenvolvimento**

Tendo como objetivo observar as estratégias editoriais de inserção de autores de direita no mercado editorial nacional, o ponto de partida para a construção do corpus de análise deste texto foi o conjunto de listas semanais de livros mais vendidos publicadas pelo Publishnews, portal brasileiro especializado em mercado editorial<sup>3</sup>. As listas de livros mais vendidos publicadas pelo site são construídas semanalmente pelo portal a partir dos vinte livros mais vendidos em cada uma das livrarias. A soma de todos os dados possibilita a construção das listas semanais publicadas desde outubro de 2010 e a consolidação dos dados em listas mensais e anuais. Além da lista geral, com todos os livros citados, o portal estabelece uma classificação dos livros: ficção, não ficção, autoajuda, infanto-juvenil e negócios<sup>4</sup>.

Os livros de não ficção, que serão utilizados como recorte para esta pesquisa, estão geralmente relacionados, nas análises do mercado editorial, com gêneros textuais como biografias, ensaios, monografias, livros historiográficos e textos de intervenção política, embora algumas vezes seja difícil ver uma separação nítida com relação aos livros de autoajuda ou negócios. Tendo como primeiro recorte os 900 livros de não ficção das listas semanais publicadas pelo Publishnews, trata-se de identificar e analisar os livros políticos de direita que fazem parte da amostra.

Foram, até agora, selecionados 34 livros claramente identificados com o pensamento político de direita. Embora corresponda a uma pequena quantia do total de livros publicados durante o período analisado (3,77%), é necessário levar em conta a

---

<sup>3</sup> Os dados foram obtidos diretamente do portal a partir de técnicas de raspagem de dados. Para essa etapa contei com a colaboração do pesquisador Raul Nunes, a quem sou grato.

<sup>4</sup> Entre as livrarias parceiras do Publishnews estão algumas das maiores do país, como a Saraiva, Cultura, Travessa, Leitura, Nobel, Blooks, Lojas Americanas, Submarino, dentre outros. A lista completa de livrarias e outros detalhes metodológicos da construção das listas podem ser acessado no endereço eletrônico do portal: <https://www.publishnews.com.br/>.

heterogeneidade de amostra total e a disputa mercadológica acirrada que dificulta a inserção de um livro na lista de mais vendidos<sup>5</sup>.

Dos 34 livros analisados, 11 foram publicados pela Record e 10 pela Leya, ambas consideradas grandes editoras. Os demais livros – com a exceção dos livros publicados pela Planeta do Brasil e pela Nova Fronteira – foram publicados por pequenas editoras. Isso reflete a distância entre os extremos – pequenas e grandes editoras -, que passa a ficar cada vez maior a partir dos anos 1990 no Brasil (BARCELLOS, 2010), desdobrando-se atualmente na disputa pela publicação de best-sellers.

Tabela 1 - Editoras com livros na lista dos mais vendidos (2010-2020)

Editora	Número de livros
Record	11
Leya	10
Três estrelas	2
Planeta do Brasil	1
Nova Fronteira	1
Matrix Editora	1
Universo dos Livros	1
Primeira Pessoa	1
Novo Conceito	1
Paralela	1
Panda Books	1
Editora Ser	1
Vide Editorial	1
Altadena Editora	1
<b>Total</b>	<b>34</b>

As editoras Record, Leya, Planeta do Brasil e Nova Fronteira funcionam como editoras de grande porte, com catálogos expressivos, capacidade ampla de divulgação e distribuição, dentre outros fatores. Dessas editoras citadas, a Record e a Nova Fronteira são grupos nacionais. A Leya Brasil é a filial do grupo editorial português que atua também em outros países de língua portuguesa no continente africano e a Planeta do Brasil é o selo editorial da Planeta, grupo editorial espanhol que tem também uma atuação

---

<sup>5</sup> Fazem parte da amostra livros de gênero bastante diversos como os livros de colorir, manuais, livros de culinária, dentre outros gêneros textuais que dificilmente podem ser considerados livros políticos. Essa categorização, entretanto, é temporária e serve apenas como uma primeira abordagem do universo da pesquisa.

significativa no mercado editorial argentino. As demais editoras podem ser consideradas de pequeno porte.

### **A editora Record e a publicação de autores de direita no Brasil<sup>6</sup>**

A partir de um contexto de inflexão política, que agrega elementos diversos e complexamente intrincados (CHALOUB; BOM JARDIM, 2015; ROCHA, 2018), a editora Record realizou um movimento amplo de reposicionamento da sua atuação, deixando de lado parte das publicações vinculadas ao pensamento de esquerda e vindo a alcançar o emergente mercado da nova direita. Fundada em 1942 por Alfredo Machado e Décio Abreu, primeiro como distribuidora e posteriormente como editora, a Record viu o seu tamanho triplicar na década de 1990 quando, com a morte de Alfredo, seu filho Sérgio Machado assumiu a direção da editora, que herdou juntos a seus outros dois irmãos. Nesse movimento, a Record comprou editoras com catálogos fundamentais da literatura nacional, como a José Olympio e a Bertrand Brasil, e editoras vinculadas historicamente ao pensamento de esquerda, como a Paz e Terra e a Civilização Brasileira.

O processo de aproximação da editora Record com os autores da direita no Brasil é bastante representativo das modificações políticas, sociais e culturais pelas quais o país passou nos últimos anos. Segundo Luciana Villas-Boas – que foi diretora-editorial da Record por dezessete anos –, Sergio Machado adquiriu a Civilização Brasileira por que os livros da editora "vendiam espetacularmente"<sup>7</sup>. O próprio Sérgio, avalia Luciana, achou irônico – embora não tenha se oposto –, como "liberal convicto" que era, ver a editora "transformada em uma plataforma da esquerda marxista na época do Fórum Social, entre 2001 e 2003", com a publicação de livros como *Sem Logo* de Naomi Klein e *Império* de Antonio Negri e Michael Hardt. A preferência por livros de esquerda, embora contrário às convicções pessoais do dono da editora, vendiam bem e, por isso, justificavam uma política editorial voltada para o setor.

A decepção com os governos petistas estabeleceu o início da guinada à direita da editora, com livros como *Lula é minha anta* (2007) de Diogo Mainardi e *O País dos Petralhas* (2008) de Reinaldo Azevedo, ambos organizados como coletâneas de artigos

---

<sup>6</sup> Parte significativa deste tópico toma como base o artigo por mim publicado intitulado *O mercado editorial e a nova direita no Brasil* (SILVA, 2018).

<sup>7</sup> VILLAS-BOAS, Luciana. Sergio Machado e Eu. 22/07/2016. Último acesso em <http://vbmlitag.com.br/index.php/2016/07/22/sergio-machado-e-eu/> no dia 13/03/2017.

publicados em jornais e blogs. Esse movimento se mostrou duradouro e, com a saída de Luciana Villas-Boas da editora, em 2012, Sergio Machado decidiu descentralizar as decisões, contratando editores específicos para cada área de atuação. Nesse movimento Carlos Andreazza assumiu a área de *não ficção* da editora, passando a dar o tom das novas publicações alinhadas ao pensamento de direita no catálogo.

Embora algumas editoras já explorassem o filão da emergente nova direita no Brasil – como a É Realizações, fundada em 2001 e que segue em atividade -, a guinada dada por uma editora do porte da Record marcou um momento de inflexão neste processo, dando uma visibilidade a publicações de autores que até então alcançavam um público bastante restrito. Um momento simbólico desse processo se deu em 2013 com a publicação de *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, livro organizado por Felipe Moura Brasil, colunista da revista Veja, com artigos de Olavo de Carvalho. A adaptação para o público jovem, na mira do recém-chegado editor Carlos Andreazza, veio a partir da inovação no projeto gráfico<sup>8</sup> e nas demais escolhas editoriais do livro: “o que fizemos foi dar um tratamento pop ao autor. Nós *hypamos* o Olavo, desde a escolha do título até a capa”<sup>9</sup>, afirma Andreazza, que a partir de então viria a se consolidar como um dos mais consagrados editores ligados ao pensamento de direita no país. Com o sucesso comercial do livro de Olavo de Carvalho, que em menos de dois anos já havia vendido pelo menos 100 mil cópias<sup>10</sup> - número impressionante tendo em vista que as tiragens médias no Brasil não passam de 5 mil exemplares -, os próximos livros seguiriam o mesmo percurso. Segundo Carlos Andreazza, “Havia e há uma imensa demanda reprimida, culpa dos cerca de 50 anos em que a produção editorial brasileira excluiu os pensamentos liberal e conservador de suas prensas, por que se recolocassem, com tratamento profissional, as importantíssimas ideias liberais e conservadoras nas prateleiras das livrarias”<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Para uma discussão sobre a importância do projeto gráfico dos livros, ver (SILVA, 2014).

<sup>9</sup> CAMPOS, Mateus. “Editor de nomes conservadores, Carlos Andreazza se firma como voz dissonante do mercado de livros”. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 31/03/2016. Último acesso em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/editor-de-nomes-conservadores-carlosandreazza-se-firma-como-voz-dissonante-do-mercado-de-livros-17021179#ixzz4bFGqF5tQ> no dia 13/03/2017.

<sup>10</sup> MOURA BRASIL, Felipe. “O Mínimo” bate a marca de 100 mil exemplares vendidos e Olavo de Carvalho é exaltado nas ruas de todo o país. Último acesso em <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/8220-o-minimo-8221-bate-a-marca-de-100-mil-exemplares-vendidos-e-olavo-de-carvalho-e-exaltado-nas-ruas-de-todo-o-pais/> no dia 30/08/2018.

<sup>11</sup> BORGES, Rodolfo. “A Direita Brasileira que saiu do Armário não para de Vender Livros”. El País. São Paulo, 1 de agosto de 2015. Último acesso em [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284\\_073825.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html) no dia 03/03/2017.

A ousadia com que estabeleceu uma agenda de publicações de direita agradou a Sergio Machado: “A teoria que a Luciana defendia era que a esquerda lê mais do que a direita. E, para mim, isso sempre fez um certo sentido. O Andreazza apostou no contrário e, para nossa surpresa, deu certo<sup>12</sup>”. A decisão de Carlos Andreazza em trazer um autor como Olavo de Carvalho para o catálogo da Record é bastante representativa do movimento realizado pelo mercado editorial. Olavo de Carvalho foi um dos autores pioneiros da nova direita ao estabelecer polêmicas com intelectuais e acadêmicos de esquerda no país nos anos 1990. A sua atuação em blogs e sites de internet, que passou a manter com certa regularidade desde 1998, começou a alcançar um público interessado em suas ideias, embora este nicho ainda fosse muito restrito. A organização de um seminário online de filosofia, que teve início em 2007 reunindo milhares de expectadores, serviu como um indicador das mudanças que estavam ocorrendo.

A forma de atuação da editora fica clara ao privilegiar a publicação de livros políticos de rápida circulação e absorção – mais conhecidos como *instant books*. Foram os casos dos já citados livros de Diogo Mainardi e Reinaldo Azevedo, que tinham o governo Lula como alvo privilegiado de suas críticas, na esteira do escândalo do mensalão. Durante o governo Dilma, já sob atuação de Carlos Andreazza como editor, foram publicados livros como *Década Perdida: dez anos de PT no poder* (2013), do historiador e apresentador da Rádio Jovem Pan<sup>13</sup> Marco Antonio Villa, *Não é a mamãe: para entender a era Dilma* (2015) e *Que horas ela vai: o diário da tragédia de Dilma* (2016), ambos de Guilherme Fiuza, e *Dilmês: O idioma da mulher sapiens* (2015), de Celso Arnaldo Araujo. Outros nomes de destaque atualmente associados à nova direita foram impulsionados pelas publicações da Record: Rodrigo Constantino, presidente do Instituto Liberal, publicou o *Esquerda Caviar: A Hipocrisia dos Artistas e Intelectuais no Brasil e no Mundo* (2013), com mais 50 mil exemplares vendidos, e outros autores jovens passaram a figurar no catálogo da editora como Flavio Morgenstein, autor de *Por trás da máscara: do passe livre aos black blocs* (2015), e Bruno Garschagen, com *Pare*

---

<sup>12</sup> CAMPOS, Mateus. “Editor de nomes conservadores, Carlos Andreazza se firma como voz dissonante do mercado de livros”. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 31/03/2016. Último acesso em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/editor-de-nomes-conservadores-carlosandreazza-se-firma-como-voz-dissonante-do-mercado-de-livros-17021179#ixzz4bFGqF5tQ> no dia 13/03/2017.

<sup>13</sup> A própria Rádio Jovem Pan passou a ser identificada com a Nova Direita, atraindo para seus quadros comentaristas como Reinaldo Azevedo, Raquel Sherazade e Marco Antonio Villa. Sobre este processo, ver: DUALIBI, Julia. A nova sinfonia paulistana: como a rádio Jovem Pan se reinventou ao dar voz para o sentimento antipetista em São Paulo. *Revista Piauí*, edição 106, julho, 2015.

*de acreditar no Governo: por que os brasileiros não confiam nos políticos e amam o Estado* (2015).

A disseminação de editoras que passam a configurar seus catálogos tendo em vista o público interessado nos autores ligados intelectualmente ao campo político da direita, e o sucesso de vendas que estes livros alcançam, deixa claro que esta tendência se estabelece de forma consolidada no universo cultural do país e exerce significativa influência no debate público e nos repertórios de ação de grupos organizados.

### **Considerações finais**

É notável a grande aceitação e repercussão dos livros associados à direita, tendo na figura de Carlos Andreazza, na editora Record, um dos eixos norteadores desse empreendimento no Brasil. A partir da observação de parte do catálogo da editora, tem-se a dimensão das formas de materialização e disseminação das ideias em um momento político tão polarizado como o atual. Se os debates tomam rumos imprevisíveis e se desdobram em arenas muitas vezes intangíveis, com atores os mais diversos - tais quais o sistema político, judiciário e os meios de comunicação de massa -, a análise da atuação das editoras, tendo em vista suas estratégias, seus públicos e sua repercussão, pode ser um excelente indício de como as ideias circulam e alimentam as convicções, são organizadas e deixam seus rastros de forma mais perene, não somente ampliando discussões, mas deixando registros bastante representativos das mudanças pelas quais passa a sociedade brasileira.

## **Referências bibliográficas**

ALONSO, A. **Idéias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, A. A política das ruas. **Novos Estudos - CEBRAP**, p. 49–58, 2017.

ALONSO, A. A gênese de 2013: formação do campo patriota. **Journal of Democracy**, v. 8, n. 1, p. 97–119, 2019.

BAERT, P. The sudden rise of French existentialism: A case-study in the sociology of intellectual life. **Theory and Society**, v. 40, n. 6, p. 619–644, 2011.

BAERT, P. **The existentialist moment: the rise of Sartre as a public intellectual**. Cambridge, UK: Polity Press, 2015.

BAERT, P.; MORGAN, M. A performative framework for the study of intellectuals. **European Journal of Social Theory**, p. 136843101769073, 2017.

BARCELLOS, M. DE A. As pequenas e médias editoras diante do processo de concentração: oportunidades e nichos. In: **BRAGANCA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Unesp, 2010.

BRINGEL, B.; FALERO, A. Movimientos sociales, gobiernos progresistas y estado em América Latina: transiciones, conflictos y mediaciones. **Caderno CRH**, v. 29, n. 3, p. 27–45, 2016.

BRINGEL, B.; PLEYERS, G. Junho de 2013... dois anos depois. **Nueva Sociedad**, p. 4–17, 2015.

CAMIC, C.; GROSS, N. The New Sociology of Ideas. **The Blackwell Companion to Sociology**, p. 236–249, 2008.

CHALOUB, J.; BOM JARDIM, F. P. **Intelectuais da “ nova direita ” brasileira : ideias , retórica e prática política: GT 19 – Intelectuais, cultura e democracia** Intelectuais. Caxambú-MG: [s.n.].

COLLINS, R. Toward a Theory of Intellectual Change: The Social Causes of Philosophies. **Science, Technology & Human Values**, v. 14, n. 2, p. 107–140, 1989.

COLLINS, R. **The sociology of philosophies: a global theory of intellectual change**.

Cambridge, USA: Harvard University Press, 1998.

COLLINS, R. **Interaction Ritual Chains**. Princeton: Princeton University Press, 2004.

DOMINGUES, J. M. **Ensaio de sociologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

DOMINGUES, J. M.; DOMINGUES, J. M. Sociological Theory and Collective Subjectivity. **Sociological Theory and Collective Subjectivity**, 1995.

FRICKEL, S.; GROSS, N. A general theory of scientific/intellectual movements. **American Sociological Review**, v. 70, n. 2, p. 204–232, 2005.

ROCHA, C. “**Menos Marx, mais Mises**”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). [s.l.] Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2018.

SILVA, L. N. DA. **Projeto gráfico como projeto editorial: um estudo de caso da editora Cosac Naify**. [s.l.] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, L. N. DA. O mercado editorial e a nova direita. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, 2018.